

## **Dança e participação: o caso dos homens estudantes do curso de licenciatura em educação física UFV/CAF**

*Bárbara Dias Diniz da Costa<sup>1</sup>, Marcília de Sousa Silva<sup>2</sup>*

**Resumo:** *Estereótipos sociais e culturais dificultam a participação masculina na dança. Desta forma, o presente estudo tem como objetivos entender as limitações e motivações para a participação de estudantes homens do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Viçosa - Campus Florestal (UFV-CAF) no Projeto Movimento e Saúde-#Dance/UFV e compreender as concepções de dança dos mesmos. Utilizou-se um questionário semiestruturado enviado via e-mail aos participantes, para posterior análise qualitativa das respostas. Apesar de muitos estudantes reconhecerem a importância de se trabalhar o conteúdo da dança, a falta de segurança se apresenta como barreira para que ministrem uma aula sobre o tema. Apesar de barreiras histórico-sociais, o preconceito não apareceu nos resultados como um fator limitante para maior parte dos entrevistados, levando a reflexão acerca de outras possibilidades, como a divulgação do projeto e o horário que o mesmo ocorria, no contraturno do curso.*

**Palavras-chave:** *Dança. Gênero. Projeto de extensão.*

**Área Temática:** *Gênero, Teorias e Metodologias em Extensão.*

### ***Dance and participation: the case of men students of the degree course in physical education UFV/CAF***

**Abstract:** *Social and cultural stereotypes make it difficult for men to participate in dance. Thus, the present study aims to understand the limitations and motivations for the participation of male students of the Degree in Physical Education at the Federal University of Viçosa - Campus Florestal (UFV-CAF) in the Projeto Movimento e Saúde-#Dance/UFV and understand their conceptions of dance. A semi-structured questionnaire sent via e-mail to the participants was used for further qualitative analysis of the responses. Although many students recognize the importance of working on the content of dance, the lack of confidence presents itself as a barrier for them to teach a class on the subject. Despite historical and social barriers, prejudice did not appear in the results as a limiting factor for most of the interviewees, leading to reflection on other possibilities, such as publicizing the project and the time that it occurred, after the course's shift.*

**Keywords:** *Dance. Genre. Extension project.*

### ***Danza y participación: el caso de los estudiantes hombres de la licenciatura en educación física UFV/CAF***

**Resumen:** *Los estereotipos sociales y culturales dificultan que los hombres participen en la danza. Así, el presente estudio tiene como objetivo comprender las limitaciones y motivaciones para la participación de estudiantes varones de la Licenciatura en Educación Física de la Universidad Federal de Viçosa - Campus Florestal (UFV-CAF) en el Projeto Movimento e Saúde-#Dance/UFV y entender sus concepciones de la danza. Se utilizó un cuestionario semiestruturado*

<sup>1</sup> Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal de Viçosa - Campus Florestal (UFV - CAF), Mestranda em Educação Física pela Universidade Federal de Viçosa - Campus Viçosa (UFV). E-mail: barbara.d.costa@ufv.br.

<sup>2</sup> Doutora em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Docente da Universidade Federal de Viçosa - Campus Florestal (UFV - CAF).

*enviado por correo electrónico a los participantes para un análisis cualitativo adicional de las respuestas. Aunque muchos estudiantes reconocen la importancia de trabajar el contenido de la danza, la falta de confianza se presenta como una barrera para que puedan impartir una clase sobre el tema. A pesar de las barreras históricas y sociales, el prejuicio no apareció en los resultados como un factor limitante para la mayoría de los entrevistados, lo que llevó a reflexionar sobre otras posibilidades, como la divulgación del proyecto y el momento en que ocurrió, después del turno del curso.*

**Palabras clave:** *Danza. Género. Proyecto de extensión.*

## INTRODUÇÃO

A dança é uma prática corporal que se manifesta cultural, artística e socialmente na vida das pessoas, cujos corpos se expressão de diferentes formas e produzem sentidos. Ao dançar os corpos geram movimentos, conscientes ou não, que auxiliam no entendimento das emoções e expressões dos diversos aspectos da vida, como religião, trabalhos, hábitos e costumes (SILVA *et al*, 2014). Nesse sentido, a dança transmite mensagens e ações que ultrapassam a lógica do exercício físico numa conexão com a construção cultural dos corpos. Andreoli (2010) revela que torna-se desafiadora a relação da dança com a cultura de gênero na medida que corpos de homens e mulheres vão se constituindo nos movimentos.

Essa perspectiva pode contribuir para a construção de feminilidades e masculinidades, por vezes, em contraposição, criando categorias e estilos generificados (BRITO; SANTOS, 2013). Cezarino e Porto (2017) afirmam que estilos clássicos de dança são marcados por gestos graciosos e executados com leveza, valorizando a estética e a perfeição. Enquanto, estilos urbanos como o Hip Hop que apresentam manifestações da cultura de rua e são caracterizados como danças carregadas de peso e agressividade (FERREIRA; VALLE, 2020).

Para além desta construção sociocultural da dança, sua relação com a Educação Física apresenta ainda uma perspectiva tecnicista e tradicional que a relaciona com paradigmas biomédicos, de aptidão física, desenvolvimento motor e saúde. Dessa forma, a dança se materializa principalmente no âmbito escolar, pela reprodução de movimentos, pelo sexismo (dança para homens e mulheres), para a melhoria das habilidades motoras e ritmo (LARA; VIEIRA, 2010). Brasileiro (2003) afirma que na história da Educação Física escolar a dança limitava-se à atividade física reduzindo-se no auxílio de habilidades motoras e distanciando-se da linguagem expressiva. Desse modo, a autora destaca que a dança é marginalizada nas aulas de Educação Física escolar, sendo descontextualizada da seleção cultural nos currículos escolares que se limita a poucas práticas como futebol, queimada, corridas e exercícios.

Tal perspectiva pode contribuir para minimizar as experiências com a prática da dança numa abordagem educacional, inclusive pela falta de uma pedagogia de ensino que contemple a todas as pessoas, independentemente da materialização de seus corpos (deficiente, não deficiente, alto, baixo, gordo, gêneros, etc.). Nesse sentido, esse estudo busca a compreensão sobre a participação de estudantes homens num projeto de extensão de dança na Universidade Federal de Viçosa- *Campus* Florestal por compreendê-lo como espaço de formação, inclusive de futuros professores de Educação Física. Guzzo *et al* (2015) afirma que apesar dos conteúdos de Dança, Ritmo e expressão serem comuns nas matrizes curriculares das instituições de ensino superior, há pouca informação

a respeito da história da dança e sua importância política-transformadora para o corpo, focando apenas em reproduzir e ensinar “passos de dança”.

A partir das vivências e observações ocorridas durante a execução do Projeto Movimento e Saúde - #Dance UFV/CAF, esse estudo visa analisar as motivações e limitações que influenciavam os homens a participarem ou não das aulas de dança.

### ***O projeto movimento e saúde - #dance ufv / caf***

Iniciado no segundo semestre de 2018, o #Dance UFV/CAF ofereceu aulas de dança coletivas para estudantes e profissionais da universidade e também para a população geral da cidade de Florestal – MG. Em 2020 com a necessidade do distanciamento social imposto pela pandemia da doença COVID-19, o projeto foi executado por um semestre de forma remota até sua finalização. À princípio, sua proposta atendia aos anseios da comunidade por uma prática de exercício físico de maneira prazerosa, principalmente aos participantes que não eram adeptos às caminhadas, corridas e/ou academias. As aulas permitiam a participação de pessoas de qualquer idade e sexo, sem necessidade de conhecimentos prévios sobre dança ou sobre as coreografias, estas que contavam com movimentos básicos e fáceis.

Posteriormente o projeto foi reformulado, acrescentando outras abordagens da dança para além dos benefícios previamente apresentados. Passou a apresentar a dança como uma possibilidade de aprendizagem do movimento, articulada à ludicidade, lazer, arte, coletividade e cultura. Assim o projeto também teve grande importância na formação inicial dos licenciandos/as de Educação Física, na sua vivência com a dança, não ofertada na matriz curricular do curso.

Os processos formativos para os estudantes ocorriam por meio de encontros quinzenais, no formato de grupo de estudos, no qual bolsistas e monitores/as apresentavam artigos sobre dança e debatiam sobre a sua importância, tanto na saúde quanto em ambientes escolares e o impacto que da dança na vida de quem a pratica.

Por ser um projeto de extensão, eram propostas, as articulações, entre Universidade, os estudantes e as comunidades de Florestal, proporcionando qualidade de vida, compreensão das práticas corporais, aprendizagens de valores, ideias, culturas. Essa perspectiva ultrapassava a ideia restritiva do exercício físico, estimulando um novo olhar sobre a dança a todos que o projeto abrangia, não só no diálogo com a comunidade, mas também na formação de estudantes e futuros professores de Educação Física.

### **OBJETIVOS**

Compreender as concepções de dança por meio dos sujeitos participantes e outros estudantes do curso de Licenciatura em Educação Física.

Diagnosticar as narrativas dos estudantes de Licenciatura em Educação Física em relação às ausências de homens no projeto.

## METODOLOGIA

Esse artigo é resultante de Trabalho de conclusão de Curso<sup>1</sup> que foi constituído por metodologia de cunho qualitativo, respeitando as normas de isolamento social advindas do período pandêmico que estamos situados. Nessa metodologia a realidade é múltipla e subjetiva, ou seja, as experiências e vivências dos sujeitos são de extrema importância nos resultados da pesquisa (PATIAS; HOHENDORFF, 2019).

Os participantes da pesquisa foram os homens estudantes e egressos do curso de Licenciatura em Educação Física na Universidade Federal de Viçosa – *Campus Florestal*, no recorte temporal de 2018 a 2019, pois nesse período o projeto estava funcionando em formato presencial e interrompido após as férias de verão e finalizado em 2020 em decorrência da pandemia.

O estudo utilizou-se do questionário *on-line* como instrumento de coleta de dados. O questionário foi enviado aos participantes de fevereiro a março de 2022 tendo cerca de um mês para o retorno dos 38 respondentes. O contato com os participantes ocorreu por envio de *email* e por grupos de *WhatsApp*, mantendo todas os sujeitos no anonimato. Os dados obtidos no questionário semiestruturado foram examinados por meio da técnica de Análise de Conteúdo. Para isso, foi realizada uma leitura minuciosa das respostas e, posteriormente, elaborada um quadro analítico contendo a pergunta norteadora e os objetivos do estudo em uma lacuna e as respostas dos questionários que suprissem a demanda dos mesmos para elaboração dos resultados e discussão do estudo em outra lacuna denominada ‘núcleo de sentido’. Neste quadro, os sujeitos foram identificados nas narrativas como “participante n<sup>o</sup>”.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### *As concepções de dança*

De acordo com a análise das respostas do questionário foi possível compreender a concepção sobre a dança dos estudantes do curso de Licenciatura em Educação Física. Dentre os 38 estudantes entrevistados, 95% consideram a dança importante. Ademais, 87% concordam totalmente que a dança é uma prática além do exercício físico no qual, é possível trabalhar questões culturais, sociais, qualidade de vida, relaxamento, conhecimento corporal, entre outros fatores.

Segundo Veras *et al* (2015), a dança no ambiente escolar pode proporcionar aos seus praticantes o desenvolvimento cognitivo, ético e social e também pode ajudar na construção de conhecimentos, sendo assim um agente transformador dos jovens, crianças e da sociedade que os cerca. Vieira (2014) acredita que a educação não deve basear-se na prática pela prática, mas sim na construção reflexiva dos alunos, o que pode ser obtido pela dança, uma vez que a mesma pode gerar experiências que transforma valores, costumes e crenças.

Dentre os entrevistados, como futuros e atuais professores de Educação Física escolar em maioria, reconhecem a importância da dança e 71% afirmaram que ministrariam o conteúdo em suas aulas. Porém, em

grande parte das narrativas analisadas, os participantes da pesquisa afirmaram que ministrariam aulas de dança sentindo insegurança com o conteúdo por não ter a vivência durante sua formação, mas não veem isso como um impedimento. Em contraponto a essas narrativas, também foram encontradas algumas que consideram o despreparo acadêmico um fator limitante para aplicação do conteúdo dança dentro das aulas de Educação Física.

No estudo de Maldonado e Bocchini (2014), os professores não possuíam experiência com a dança, portanto foram construindo as atividades juntamente aos alunos por meio de debates sobre gênero e etnia dos praticantes de cada dança, discussões sobre as principais características, proporcionando reflexões aos alunos que causassem mudanças em suas atitudes. Apesar de não possuir experiência com a dança, alguns participantes demonstraram interesse em levar o conteúdo para sala de aula:

Não que a dança seja meu forte, mas como professor de educação física eu não tenho que deixar de aplicar um conteúdo porque tenho dificuldade ou limitações nele e sim procurar me aprimorar e passar esse conteúdo da melhor forma para meus alunos (participante 1).

Ministraria uma aula de dança, mas precisaria antes estudar/praticar o tema para dar uma aula interessante pois não sou muito familiarizado com a dança (participante 2).

Ainda que presente nas diretrizes legais da Educação Física escolar, a dança ainda luta em conseguir seu espaço dentro das aulas de Educação Física, uma vez que o reconhecimento sobre a importância desse conteúdo é recente. Muitas vezes, os professores não sabem como trabalhar o conteúdo dança em suas aulas, sendo necessária a reflexão sobre esse ensino, impedindo que sua prática seja sem propósito e objetivos (SOUSA; HUNGER; CARAMASCHI, 2014). Por meio de sua prática o aluno deve ser capaz utilizar a expressão corporal como linguagem, conscientização corporal, conhecimentos históricos, culturais e sociais (SOUSA; HUNGER; CARAMASCHI, 2014).

Contudo, como foi observado, ainda há relutância por parte de alguns estudantes universitários quando o assunto é a dança, uma vez que é comum professores de Educação Física não se sentirem aptos a ensinar um conteúdo que é muito pouco (muitas vezes nada) trabalhado durante sua formação acadêmica (DOS SANTOS; ANDRADE, 2020):

Não sei se tenho a vivência necessária para ministrar uma aula de dança. Tendo em vista que não tive contato com a dança durante o curso de Licenciatura em Educação Física (participante 3).

Apesar de gostar de dançar, saber a importância e o que ela pode contribuir na vida das pessoas. A universidade não me deu subsídios para que eu possa realizar uma atuação nesse âmbito minimamente boa. Minha grade curricular não contempla o conteúdo dança, não me sinto seguro em ministrar as aulas de dança (participante 4).

Apesar do conteúdo dança não ser explorado dentro da formação acadêmica dos sujeitos da pesquisa, havia outras possibilidades de se obter essa vivência dentro da Universidade. O projeto Movimento e Saúde - #Dance / UFV buscava articular a dança à aprendizagem do movimento, além de objetivar o investimento na

formação inicial dos licenciandos/as de Educação Física, por meio das aulas práticas, mas também compreendendo um grupo de estudo que permitia ampliar o conhecimento acerca desse conteúdo.

Quando ensinada na Educação Física Escolar, a dança não deve ser ligada a questões técnicas, mas sim ao corpo em movimento, permitindo que os alunos descubram seus limites e possibilidades (KLEINUBING; SARAIVA; FRANCISCHI, 2013) podendo articular com a interdisciplinaridade e diversificação dos conteúdos da cultura corporal do movimento (MALDONADO; BOCCHINI, 2014). Dentro das narrativas foi notável que boa parte dos participantes também possui tal visão sobre o ensino da dança.

Busco sempre incluí-las dentro das aulas de forma que eu traga conteúdos de outras modalidades esportivas pra dentro da dança, exemplificando: os passes de basquete quando combinados entre si formam passos de dança de rua. Costumo também trazer a interdisciplinaridade com histórias culturais sobre os estilos musicais de cada país e exemplos de cada uma delas nas aulas pois uma aula rica vai além de colocar inúmeros jogos sem fim, mas procurar aprofundar novos horizontes (participante 5).

A dança é motivante, e através de sua prática é possível desconstruir preconceitos sociais de gênero, além de fazer parte da história cultural da humanidade, promove também saúde, bem estar, socialização e realização pessoal (participante 6).

Já ministrei uma aula de lutas e uma de futebol envolvendo dança e foi bem dinâmica e bem aceita pelos participantes (participante 7).

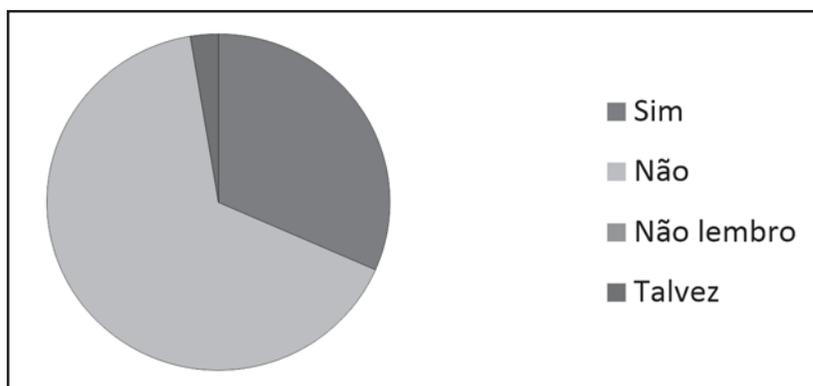
Quando se trata da Educação Física, deve-se desenvolver uma formação generalista, humanista e crítica, capaz de intervir na conduta dos indivíduos, e como apontado nesse trabalho, a dança é um universo amplo, capaz de trabalhar esses diferentes conhecimentos (KLEINUBING; DAL-CIN, 2020). Para incentivar a prática docente dos futuros e atuais professores de Educação Física a inclusão da dança na formação acadêmica seria essencial, principalmente por muitos não terem uma vivência prévia da mesma. Mesmo que o espaço da universidade sirva para ampliar ao máximo o conhecimento dos alunos, rompendo apenas a barreira do ensino, permitindo novas experiências profissionais e pessoais (ASSIS; BONIFÁCIO, 2011), no que tange a dança, poucos tiveram o contato com ela. Isso leva à reflexão sobre a necessidade de ampliar o ensino, a pesquisa e extensão sobre o tema no contexto universitário.

### ***Extensão universitária: limitações para a participação no projeto de dança***

Os projetos de extensão são uma oportunidade dos estudantes terem contato direto com a atuação de sua profissão no campo de trabalho, podendo experimentar e aprofundar em novos conteúdos (KLEINUBING; DAL-CIN, 2020). Podem funcionar como uma importante estratégia para a prática do professor (KLEINUBING; DAL-CIN, 2020), porém, mesmo com 82% de estudantes do sexo masculino da UFV – *Campus Florestal* conhecerem o projeto e considerarem a dança importante, 76% dos alunos não participavam do mesmo, uma vez que este poderia ser uma forma de compensar a falta da dança nos currículos acadêmicos da universidade.

A falta de participação masculina pode ter raízes na infância, uma vez que os processos de ensino-aprendizagem para homens e mulheres são diferentes (ANDREOLI, 2010). Segundo Salva, Ramos e Oliveira (2014), as crianças não possuem consciência de gênero, tendo seu comportamento moldado com o passar do tempo, direcionando-os para seus “papéis” definidos socialmente, dificultando novas possibilidades de construção do masculino e feminino. Esse direcionamento é reproduzido incessantemente pela família, igreja e até mesmo na escola. Ao serem questionados se já praticaram dança, 66% responderam que não (gráfico 1). Esse resultado pode ser explicado pela falta de incentivo aos meninos dançarem, no qual em grande maioria, os mesmos são incentivados desde pequenos a praticar de esportes, e às meninas a dança (KLEINUBING; SARAIVA; FRANCISCHI, 2013).

Gráfico 1 - Fez algum tipo de dança



Fonte: As autoras.

Metade dos participantes do estudo (50%) afirmaram não sentir vergonha/ medo de serem julgados ao dançar, enquanto 29% afirmaram sentir muita/ um pouco de vergonha/ medo de ser julgado ao dançar (gráfico 2). Entre os participantes que se sentem envergonhados, a maioria demonstrou que esse sentimento ocorre por medo de não possuírem as habilidades necessárias para executar bem os movimentos da dança, e até mesmo serem constrangidos. Ao dançar, a pessoa está exposta ao olhar do outro, podendo sentir medo ou inibição em relação aos movimentos apresentados (KLEINUBING; SARAIVA; FRANCISCHI, 2013), como visto nas narrativas:

Porque sou desajeitado ao dançar, não consigo acompanhar o ritmo da música (participante 8).

Porque não sei dançar (participante 9).

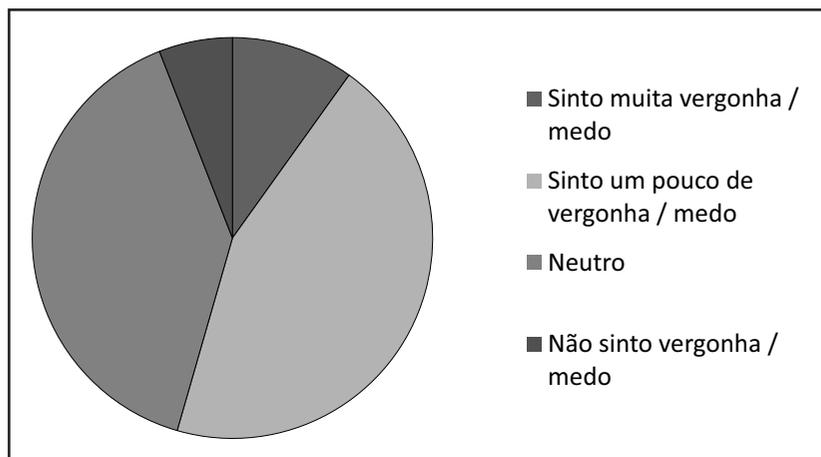
Julgamento de terceiros (participante 10).

Porque estou sujeito a um julgamento ruim, dançar mal e etc (participante 11).

Por não ter prática ou vocação para isso (participante 12).

Acho que sinto medo de não conseguir dançar direito, e ser constrangido por isso (participante 13).

Gráfico 2 – Sente vergonha / medo de ser julgado ao dançar



Fonte: As autoras.

Também foi observado, mesmo que em minoria, questões sociais como um fator limitante da prática da dança pelos estudantes, os quais afirmaram que:

Criação de uma barreira social, dizendo que somente mulher pratica dança (participante 14).

Ser chamado de gay por diferentes ciclos sociais (trabalho, em casa, faculdade etc.), como forma de “zoar” e até mesmo de tentar me diminuir ou ofender, não me dá medo ou vergonha. Na verdade isso me dá raiva pelo fato dessas pessoas acharem que isso é ofensa, por não respeitarem e discriminarem esse público. O medo está em perder tudo ou parte desses ciclos sociais. Dessas pessoas ignorantes que são próximas a mim, por estarem mergulhadas nesse preconceito, se afastem por acharem que sou gay (participante 4).

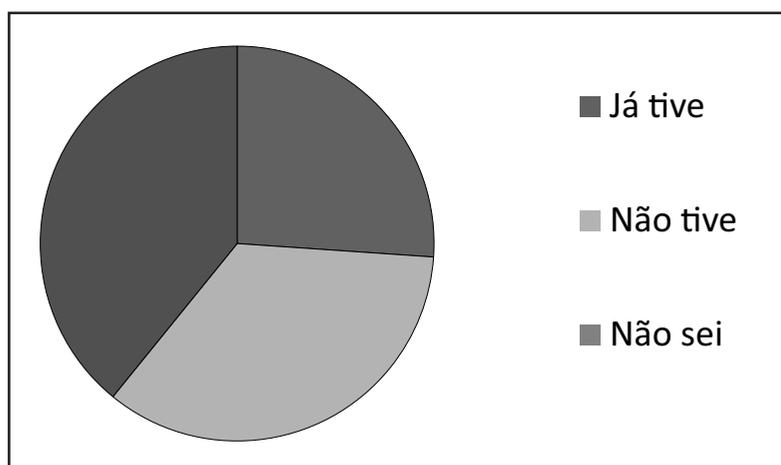
Apesar de ambas as narrativas levantarem pautas sociais, elas são trazidas por diferentes abordagens, na primeira vemos com clareza a definição das ações sociais e culturais ao nos identificarmos como homem ou mulher dentro da sociedade (SALVA; RAMOS; OLIVEIRA, 2014), definindo papéis e atitudes sociais considerados aceitáveis para cada sexo biológico. Já o segundo relato mostra que quando dessas feminilidades e masculinidades são vividas de diferentes maneiras por uma pessoa (SALVA; RAMOS; OLIVEIRA, 2014), essas distinções podem ser utilizadas como discurso para exclusão de sujeitos dentro de determinados grupos sociais (GOELLNER, 2013), como é o caso da homofobia.

Embora as questões sociais ser um fator limitante para a participação em uma aula de dança, o maior problema apontado pelos sujeitos foi a falta de habilidade com o conteúdo dança, acarretando em um constrangimento e medo do julgamento de terceiros ao participar de uma aula. Tal premissa também pode ser consequência de um histórico social que não incentiva a participação masculina nas aulas de dança desde a infância, muitas vezes usando como justificativa as diferenças entre homens e mulheres nos âmbitos das práticas corporais e esportivistas, produzindo e reproduzindo a generificação do que é aceitável ao universo feminino e masculino (GOELLNER, 2013).

## *A dança, gênero e sexualidade*

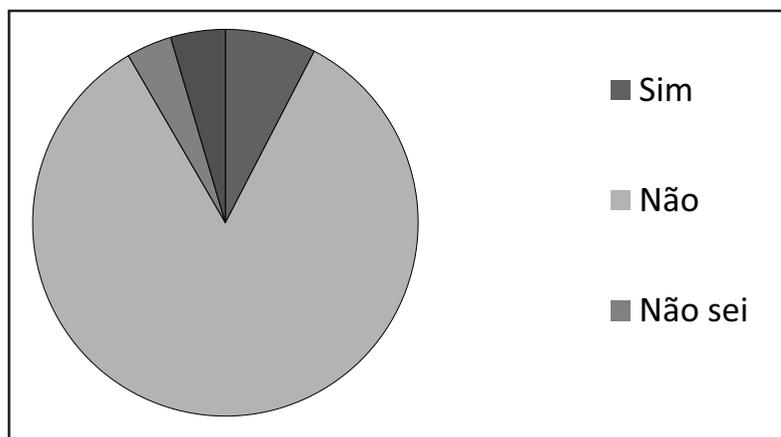
Stinson (1998) observou que uma das maiores preocupações dos meninos ao participar de uma aula de dança é ter sua orientação sexual questionada por outras pessoas. No estudo, entre participantes da pesquisa que já praticaram dança, 26,1% já tiveram sua sexualidade questionada ou medo/vergonha de ter (gráfico 3) e entre os sujeitos que não praticaram dança a porcentagem cai para 5,6% (gráfico 4), concluindo que poucos participantes do estudo tem medo que sua sexualidade seja questionada ao dançar. Em ambas as perguntas, grande parte dos entrevistados alegaram não ter medo ou vergonha de ter sua sexualidade questionada ao dançar, pois não se prendem a isso.

Gráfico 3 – Praticaram dança e já tiveram sua sexualidade questionada ou medo de ter?



Fonte: As autoras.

Gráfico 4 - Não praticaram dança, tem medo de ter a sexualidade questionada?



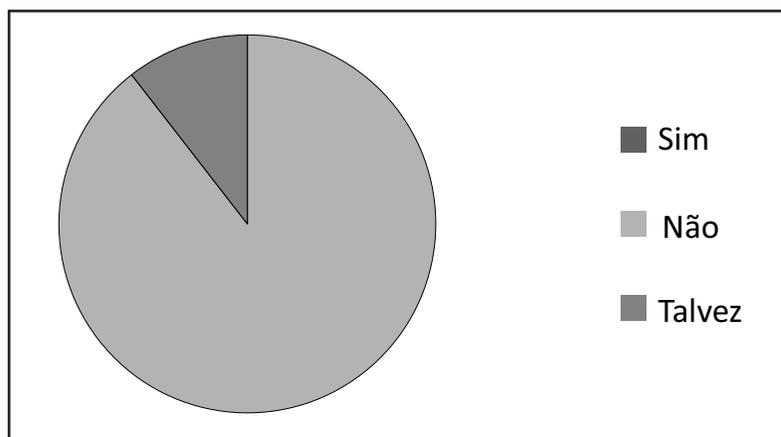
Fonte: As autoras.

Quando falamos de gênero, sexualidade e orientação sexual é explícito que as noções de certo e errado que os englobam são culturalmente construídas. Na sociedade ocidental, essas noções são associadas à

heteronormatividade, ou seja, a heterossexualidade e seus valores ditam as regras da sociedade e como os indivíduos que a compõem devem se comportar, sendo encarada pela sociedade como natural (BORGES *et al.*, 2013). Consequentemente, por muito tempo o termo homossexualidade retratava os indivíduos que não se enquadravam nos padrões de orientação sexual. Essas relações homoafetivas eram consideradas práticas pecaminosas, havendo até perseguição aos que iam contra a heteronormatividade. Com o passar do tempo, os/as homossexuais começam a conseguir conquistar seu espaço e realizar movimentos sociais em busca de respeito, construindo espaços de lazer e arte (SANTOS; OLIVEIRA; ALVES, 2013).

Andreoli (2010) observou que no Brasil aparecem muitos estudos relacionando a dança e a homossexualidade. Maldonado e Bochini (2014), durante seu estudo notaram uma forte resistência por parte dos meninos nas aulas de dança, ao ponto dos alunos chegarem a alegar que alguns movimentos elaborados pelos professores eram realizados apenas por homossexuais. Ao final do estudo alguns alunos foram capazes de superar esses preconceitos, enquanto outros alunos não. Como visto nos resultados a porcentagem de participantes que tiveram a sexualidade questionada ou medo de ter é bem menor em relação aos que não vivenciaram essa situação ou até mesmo não tem medo de vivenciá-la. Aqui vemos a importância da conquista de espaço de fala pelos indivíduos homossexuais.

Gráfico 5 - Acha a dança uma prática corporal "para mulher"?



Fonte: As autoras.

A dança e a falta de masculinidade ainda é muito presente no Brasil, surgindo a ideia de que homens que se familiarizam com a dança são “menos homem” (PEREIRA; LEITE, 2019). No questionário boa parte dos participantes afirmaram que não veem a dança como uma prática corporal “para mulher”, porém alguns participantes consideram que a mesma talvez seja uma prática corporal “para mulher” (gráfico 5). Muito comumente, práticas de dança com movimentos mais delicados são vistas como práticas mais femininas, enquanto danças que reafirmam força e virilidade não sofrem tanto com esse estereótipo (PEREIRA; LEITE, 2019).

Tais estereótipos que a dança carrega pode afetar negativamente o ensino da dança durante o exercício da profissão de professor de Educação Física, como apresentado na narrativa dos participantes:

Não tenho familiaridade nenhuma com a Dança, e ainda acredito que possa existir muito tabu da parte dos alunos ( meninos ) (participante 15).

Apesar do caráter histórico-social de preconceito em relação à prática de dança por homens, durante a construção do referencial teórico observei que a maior parte das narrativas a respeito da dificuldade do ensino da dança, principalmente em relação à orientação sexual partiu de alunos mais novos, geralmente alunos até o Ensino Médio. Quando se trata dos estudantes do Ensino Superior, tanto nos artigos consultados, quanto ao analisar as narrativas obtidas pelo questionário estruturado, observei que o medo de ser estereotipado por sua sexualidade ao participar de uma aula de dança é bem menor.

Em alguns casos, os participantes viram a dança como uma possibilidade de trabalhar temas transversais em suas aulas, tanto temas culturais como essa desmistificação sobre a dança ser fortemente relacionada ao universo feminino:

A dança é um conteúdo super importante dentro da Educação Física escolar e com isso deveria ser sempre levada aos alunos de forma que desmistifique o preconceito estabelecido nessa prática corporal (participante 16).

Acho importante para o acervo cultural e motor dos alunos (participante 17).

A dança é motivante, e através de sua prática é possível desconstruir preconceitos sociais de gênero, além de fazer parte da história cultural da humanidade, promove também saúde, bem estar, socialização e realização pessoal (participante 18).

A aula de dança contribui para todo o desenvolvimento citado na pergunta anterior ([...] vai além do exercício físico, mas abrange também recreação, cultura, relaxamento, qualidade de vida e etc.) e proporciona ao aluno o desapego a preconceitos relacionados à dança. Assim como, fiz parte de um festival de dança ministrando aulas, juntamente com meus companheiros da residência pedagógica, em uma escola situada em Juatuba (participante 11).

A prática de dança escolar é muito importante, tanto para conhecimento de Cultura, tanto para quebra de preconceitos da sociedade (participante 19).

Outra narrativa que me chamou atenção foi a respeito de um professor que ao ministrar aulas de dança na escola vivenciou diretamente como esses preconceitos que cercam o conteúdo podem afetar no ensino-aprendizagem de professor e aluno:

A dança entra como instrumento principal em minhas aulas pelo fato de ser professor e bailarino. Já tive experiências de pais tirando seus filhos de minha aula pelo fato de achar que dança não é feita para homens, por isso luto até hoje. Esse tabu sempre será algo difícil de se quebrar, mas essa luta nunca cessará (participante 20).

Apesar dos estereótipos de gênero ainda aparecerem nos relatos dos participantes, pude observar que a mesma traz uma narrativa muito mais forte no que diz respeito de romper com esse preconceito, do que vir como fator limitante para esses futuros/atuais profissionais da área. É muito importante observar essa mudança no pensamento dos sujeitos, mesmo que muitos não tenham tido contato com a dança ou não se sintam seguros com esse conteúdo. Tal mudança como professores, pode trazer transformações significativas no que diz respeito à visão de seus alunos acerca dessa prática corporal e do respeito à como os colegas se veem no mundo, independente de gênero e orientação sexual.

## CONCLUSÕES

Considerando as análises do questionário, apesar de muitos estudantes conhecerem o projeto e não participar, o preconceito não apareceu como um fator relevante para a limitação da participação dos homens no projeto Movimento e Saúde - #Dance UFV / CAF. Portanto, a pouca participação por parte dos estudantes pode estar ligada a pouca divulgação do projeto no meio acadêmico, ou mesmo pelo horário, que acontecia no período diurno, enquanto as aulas da graduação ocorriam no período noturno, sendo muito comum os cursos noturnos possuírem um relevante número de estudantes que trabalham durante o dia.

As justificativas para a limitação da participação dos homens no projeto e a relutância em lecionar de uma aula de dança parte muito mais por uma insegurança relacionada à falta de habilidades e até mesmo sobre o conhecimento sobre a dança. O incentivo à participação de meninos em aulas de dança desde a infância pode auxiliar no desenvolvimento de habilidades motoras que essa prática proporciona, possibilitando a desinibição dos indivíduos do sexo masculino em relação à mesma.

A falta da dança nos espaços formativos de ensino mostrou-se como importante fator no preparo dos estudantes ao lecionar uma aula de dança. Sendo assim, seria essencial aos participantes o estudo desse conteúdo durante a graduação para sua formação no futuro. Ao ampliar as possibilidades de ensino aos futuros / atuais professores de Educação Física, é possível romper as barreiras construídas socialmente sobre a participação dos homens na dança, ampliando o conhecimento dos alunos, superando preconceitos, auxiliando em novas habilidades motoras e possibilitando uma maior participação do sexo masculina nos espaços da dança.

Na concepção dos alunos, a dança apareceu em muitas narrativas como um conteúdo importante de ser trabalhado nas escolas, no qual muitos participantes a destacam como essencial na formação crítica e motora de seus futuros / atuais alunos. Tal importância deu-se principalmente por perceberem a dança além da prática pela prática, vendo sua relevância na formação integral do sujeito, sendo possível explorar cultura, qualidade de vida, autoconhecimento, superação de tabus sociais, interdisciplinaridade, entre muitos outros temas transversais que cerca essa modalidade.

Enfim, a discussão proposta neste estudo anunciou a dança como prática da cultura corporal, sua relação com a educação física e como prática educativa voltada para o desenvolvimento da dimensão social, pessoal e

cultural na formação das pessoas participantes. Neste sentido, o estudo realizado pode contribuir para novas investigações que tangencie a discussão da dança numa abordagem pedagógica, refletindo sobre a experiência de um projeto extensionista na formação dos sujeitos, sejam eles, os estudantes de educação física que participam do projeto ou as pessoas que se interagem com a proposta.

## NOTAS:

Trabalho intitulado Dance e a participação masculina: limitações e motivações, aprovado pelo Comitê de Ética na Pesquisa (CAAE: 55275521.0.0000.5153) e defendido em março/2022.

## REFERÊNCIAS

ANDREOLI, Giuliano Souza. Dança, gênero e sensualidade: um olhar cultural. *CONJECTURA: filosofia e educação*, v. 15, n. 1, 2010. Disponível em: <http://www.uces.com.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/186>. Acesso em: 15 Set.. 2021.

ANDREOLI, Giuliano Souza; CANELHAS, Larissa. A dança e as relações de gênero: uma reflexão sobre a interação entre meninos e meninas em uma aula de dança. *Revista da FUNDARTE*, v. 37, n. 37, p. 375-394, 2019. Disponível em: <https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/660>. Acesso em: 12 Fev. 2022.

ASSIS, Marília Del Ponte de; SARAIVA, Maria do Carmo. O feminino e o masculino na dança: das origens do balé à contemporaneidade. *Movimento*, v. 19, n. 2, p. 303-323, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/29077>. Acesso em: 20 Fev. 2022.

ASSIS, Renata Machado de; BONIFÁCIO, Naiêssa Araújo. A formação docente na universidade: ensino, pesquisa e extensão. *Educação e Fronteiras*, v. 1, n. 3, p. 36-50, 2011. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/educacao/article/view/1515>. Acesso em: 20 Mar. 2022.

BORGES, Zulmira Newlands; PERURENA, Fátima C. V.; PASSAMANI, Guilherme Rodrigues; BULSING, Muriel. Patriarcado, heteronormatividade e misoginia em debate: pontos e contrapontos para o combate à homofobia nas escolas. *Latitude*, v. 7, n. 1, 2013. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/latitude/article/view/1065/722>. Acesso em: 2 Mar. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação – MEC. Secretaria de Educação Básica. 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro07.pdf>. Acesso em: 17 Fev. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação – MEC. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Educação física / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília; MEC/ SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/fisica.pdf>. Acesso em: 13 Jan. 2022.

BRASILEIRO, Livia Tenório. O conteúdo “dança” em aulas de educação física: Temos o que ensinar?, *Revista Pensar a Prática*, v. 6, p. 45-58, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/56/55>. Acesso em: 23 Jun. 2021.

BRITO, Leandro Teófilo de; SANTOS, Mônica Pereira dos. Masculinidades na Educação Física escolar: um estudo sobre os processos de inclusão/exclusão. *Revista brasileira de educação física e esporte*, v. 27, p. 235-246, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/58564#:~:text=Constatamos%20atrav%C3%A9s%20da%20observa%C3%A7%C3%A3o%20participante%2C%20com%20anota%C3%A7%C3%B5es%20em,se%20fez%20predominante%20entre%20os%20meninos%20nas%20aulas>. Acesso em: 30 Jul. 2021.

CARVALHO E SILVA, Monique Costa de; ALCÂNTARA, Andressa Sheyene Moreira de; LIBERALI, Rafaela; ARTAXO NETTO, Maria Ines; MUTARELLI, Maria Cristina. A importância da dança nas aulas de Educação Física–Revisão Sistemática. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, v. 11, n. 2, 2012. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/RafaelaLiberali/publication/282133964\\_A\\_IMPORTANCIA\\_DA\\_DANCA\\_NAS\\_AULAS\\_DE\\_EDUCACAO\\_FISICA\\_REVISAO\\_SISTEMATICA/links/5604418e08aeb5718feeebe3/A-IMPORTANCIA-DA-DANCA-NAS-AULAS-DE-EDUCACAO-FISICA-REVISAO-SISTEMATICA.pdf](https://www.researchgate.net/profile/RafaelaLiberali/publication/282133964_A_IMPORTANCIA_DA_DANCA_NAS_AULAS_DE_EDUCACAO_FISICA_REVISAO_SISTEMATICA/links/5604418e08aeb5718feeebe3/A-IMPORTANCIA-DA-DANCA-NAS-AULAS-DE-EDUCACAO-FISICA-REVISAO-SISTEMATICA.pdf)>. Acesso em: 10 Fev. 2022.

CEZARINO, Gabriela; PORTO, Eline. O corpo no ballet classico: as vozes dos bailarinos. *Revista CPAQV - Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida*, v. 9, n. 3, 2017. Disponível em: <http://www.cpaqv.org/veris%20ta/CPAQV/ojs2.3.7/index.php?journal=CPAQV&page=article&op=view&path%5B%5D=215>. Acesso em: 30 Jul. 2021.

FERREIRA, Anne Caroline Paz; VALLE, Flavia Pilla. Memórias da dança: Ademir Porto Cavalheiro e os primórdios da cultura Hip Hop em Porto Alegre. *Revista da FUNDARTE*. Montenegro, v.43, n. 43, p.01-20, 2020. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/218518>. Acesso em: 15 Jul. 2021.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. *Análise de conteúdo*. 3. ed. Brasília, DF: Liber Livro Editora. 2008.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A contribuição dos estudos de gênero e feministas para o campo acadêmico-profissional da Educação Física. *Educação física e gênero: desafios educacionais*. Ijuí: Unijuí, p. 23-43, 2013.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. *Cadernos de Formação RBCE*, v. 1, n. 2, 2010. Disponível em: <http://oldarchive.rbceonline.org.br/index.php/cadernos/article/view/984>. Acesso em: 17 Jun., 2021.

GUZZO, Marina Souza Lobo; FEDERICI, Conrado Augusto Gandara; ROBLE, Odilon José; TERRA, Vinicius Demarchi Silva. Dança é política para a cultura corporal. *Pensar a Prática*, v. 18, n. 1, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/27899/0>. Acesso em: 20 Mai. 2021.

KLEINUBING, Neusa Dendena; DAL-CIN, Jamile. Formação inicial em Educação Física e a construção de saberes em dança: relações com a extensão universitária. *Motrivivência*, v. 32, n. 62, p. 01-16, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2020e66195/43397>. Acesso em: 15 Mar. 2022.

KLEINUBING, Neusa Dendena; SARAIVA, Maria do Carmo; FRANCISCHI, Vanessa Gertrudes. A dança no ensino médio: reflexões sobre estereótipos de gênero e movimento. *Revista da Educação Física/UEM*, v. 24, n. 1, p. 71-82, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/refuem/a/vdX5TG9F3cCkz4vLzxSF5VF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 Fev. 2022.

LARA, Larissa Michelle; VIEIRA, Alba Pedreira. Em foco ... o corpo que dança: experiências docentes e intersubjetividades desafiadas. In: Larissa Michelle Lara. (Org.). *Abordagens socioculturais em educação física*. Maringá: EDUEM, 2010, p. 137-182.

MALDONADO, Daniel Teixeira; BOCCHINI, Daniel. Educação Física Escolar e as três dimensões do conteúdo: tematizando as danças na escola pública. *Conexões*, v. 12, n. 1, p. 181-200, 2014. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/2174>. Acesso em: 15 Mar. 2022.

MOURA, Andréa Clélia da Rocha; MIRANDA, Gilberto José; PEREIRA, Janser Moura. Desempenho acadêmico em ciências contábeis: turno noturno versus diurno. *Enfoque: Reflexão Contábil*, v. 34, n. 1, p. 57-70, 2015. Disponível em: [https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Enfoque/article/view/23020/pdf\\_5](https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Enfoque/article/view/23020/pdf_5). Acesso em: 20 Mar. 2022.

NUNES, Bruno Blois; FROEHLICH, Marcia. Um novo olhar sobre a condução na dança de salão: questões de gênero e relações de poder. *Revista educação, artes e inclusão*, v. 14, n. 2, p. 091-116, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/10172>. Acesso em: 17 Fev. 2022.

PATIAS, Naiana Dapieve; HOHENDORFF, Jean Von. Critérios de qualidade para artigos de pesquisa qualitativa. *Psicologia em Estudo*, v. 24, n. 43536, p. 1-14, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/BVGWD9hCCyJrSRKrsp6XfJm/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 20 Mai. 2021.

PEREIRA, Rômulo Gonçalves de Carvalho; LEITE, Regina Aparecida de Almeida. Dança e preconceito: visão heteronormativa sobre a prática da dança por indivíduos do sexo biológico masculino. Disponível em: [http://www.fait.revista.inf.br/imagens\\_arquivos/arquivos\\_destaque/z0BRyLXNLvtJo0V\\_2020-6-19-20-50-6.pdf](http://www.fait.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/z0BRyLXNLvtJo0V_2020-6-19-20-50-6.pdf). Acesso em: 15 Mar. 2022.

RENGEL, Lenira Peral; SCHAFFNER, Carmen Paternostro; OLIVEIRA, Eduardo. Dança, Corpo e Contemporaneidade. Salvador: UFBA, Escola de Dança, 2016. 40p. Disponível em: [https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/24467/1/eBook\\_Danca\\_Corpo\\_e\\_Contemporaneidade-Licenciatura\\_em\\_Danca\\_UFBA.pdf](https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/24467/1/eBook_Danca_Corpo_e_Contemporaneidade-Licenciatura_em_Danca_UFBA.pdf). Acesso em: 17 Abr. 2021.

SALVA, Sueli; RAMOS, Ethiana Sarachin; OLIVEIRA, Keila de. Relações de gênero e educação: fronteiras invisíveis que demarcam modos de ser. *Roteiro*, v. 39, n. 1, p. 217-239, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3519/351961826012.pdf>. Acesso em: 17 Fev. 2022.

SANTOS, Carla Oliveira, OLIVEIRA, Aline Menezes, ALVES, Marcelo Paraíso. Corpo e sexualidade: os processos de normalização na dança. *Cadernos UniFOA*, v. 8, n. 1 (Esp.), p. 23-37, 2013. Disponível em: <https://revistas.unifoa.edu.br/cadernos/article/view/84>. Acesso em: 20 Mar. 2022.

SANTOS, Carlos Afonso Ferreira dos; ANDRADE, Welison Alan Gonçalves. Formação docente em Educação Física: saberes propostos para o ensino da dança na escola. *Corpoconsciência*, p. 57-70, 2020. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/9833>. Acesso em: 20 Mar. 2022.

SANTOS, Renata Ferreira dos; FERRAZ, Simone Cassoli; ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de; GUTIERREZ, Gustavo Luis. A dança como prática de lazer: algumas reflexões sobre homens, gênero e o balé clássico. *Pensar a prática*, v. 18, n. 2, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/index.php/fe/article/view/31888>. Acesso em: 20 Fev. 2022.

SARAIVA, Maria do Carmo. Elementos para uma concepção do ensino de dança na escola: a perspectiva da educação estética. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 30, n. 3, 2009. Disponível em: <http://www.rbce.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/540>. Acesso em: 5 Nov. 2021.

SOUSA, Nilza Coqueiro Pires de; HUNGER, Dagmar Aparecida Cynthia França; CARAMASCHI, Sandro. O ensino da dança na escola na ótica dos professores de Educação Física e de Arte. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 28, p. 505-520, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbefe/a/f4dXtkxhFHB69rKWdpyVMFB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 Mar. 2022.

STINSON, Susan. Reflexões sobre a dança e os meninos. *Pro-posições*, v. 9, n. 2, p. 55-61, 1998. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8644136/11574>. Acesso em: 20 Mar. 2022.

THON, Bárbara Machuca. Dança e consciência corporal. Curitiba: Centro Reichiano, 2011. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/artigos/Artigos/THON-Barbara-Machuca-Danca-e-consciencia-corporal.pdf>. Acesso em: 15 Jun.2021.

VERAS, Livia Martinez; TILLMANN, Ana Cristina; REIS, Nycole Martins; GUIMARAES, Adriana Coutinho de Azevedo. Dança: resgate e vivências na Educação Física escolar. *Cinergis*, v. 16, n. 1, 2015. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/cinergis/article/view/6091>. Acesso em: 20 Mar. 2022.

VIEIRA, Marcílio de Souza. A dança na arte e na educação física: diálogos possíveis. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, Sergipe, v. 13, p. 177-185, maio/ago. 2014. ISSN: 2358-1425. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/19001>. Acesso em: 20 Mar. 2022.

Submetido em: 24/02/2023 Aceito em: 16/03/2023.